



OS DESCAMINHOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: NOTAS PARA PENSAR O SEMIÁRIDO DE ALAGOAS¹

Felipe Santos Silva²

RESUMO

A sociedade de consumo tem mudado a forma de condução da vida humana, diluindo saberes, culturas e sentidos de existência. As reflexões teóricas sobre essa realidade têm levantado questões de ordem organizacional, política, econômica, psicológica, ecológica e cultural. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a sociedade contemporânea e seus rebatimentos nos territórios alternativos constituídos por agricultores guardiões de sementes crioulas no semiárido alagoano. Apontam-se alguns aspectos da sociedade de consumidores considerando seu processo de dominação pela produção capitalista e, nesse contexto, tem o Estado como aliado. Em sequência, são contextualizados seus rebatimentos nos territórios alternativos dos agricultores guardiões de sementes no semiárido alagoano. E, assim, busca-se encadear mediações sobre os descaminhos que conduzem a sociedade contemporânea, apontando o cuidado, no sentido de responsabilidade e envolvimento, como alternativa para pensar a atividade humana na Terra.

Palavras-chave: Sociedade de consumidores, Agricultores guardiões, Sementes crioulas, Cuidado.

RESUMÉ

La société de consommation a changé la façon dont la vie humaine est menée, diluant les connaissances, les cultures et les sens de l'existence. Les réflexions théoriques sur cette réalité ont soulevé des enjeux organisationnels, politiques, économiques, psychologiques, écologiques et culturels. Le présent travail vise à réfléchir sur la société contemporaine et son impact sur les territoires alternatifs constitués par les agriculteurs gardiens des semences créoles dans la région semi-aride d'Alagoas. Certains aspects de la société de consommation sont signalés compte tenu de son processus de domination par la production capitaliste et, dans ce contexte, elle a l'État comme allié. Dans l'ordre, leur impact sur les territoires alternatifs des agriculteurs dépositaires de semences dans la région semi-aride d'Alagoas est contextualisé. Et, ainsi, nous cherchons à lier des médiations sur les faux pas qui conduisent à la société contemporaine, en pointant le soin, au sens de responsabilité et d'implication, comme alternative pour penser l'activité humaine sur Terre.

Mots clés : Société de consommation, Agriculteurs gardiens, Semences créoles, Soins.

¹ Este artigo resulta de uma pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – PPGeo/UFS. A pesquisa é fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ/2020-2022.

² Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS; pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura (S&C/UFS/CNPQ) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL/CNPQ). E-mail: felipegeoufal@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a sociedade contemporânea e seus rebatimentos nos territórios alternativos dos agricultores guardiões de sementes crioulas no semiárido alagoano. O estudo que se apresenta deriva das reflexões realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – PPGeo/UFS e do projeto de pesquisa intitulado “Para além do plantar e do colher: saberes e (re)existências dos agricultores guardiões de sementes crioulas”.

As mediações aqui propostas evidenciam a produção da sociedade de consumidores pelo mercado e pelo Estado como resultado de complexos processos e de relações que se estabelecem no entorno do acúmulo de riquezas, que produzem o ideário de práticas consumistas, forjando uma cultura de massa centrada no consumo.

Nessa perspectiva, este estudo está dividido em três seções: 1) Do consumo à liquidez: premissas para pensar a sociedade contemporânea; 2) O semiárido alagoano pela sociedade de consumo: territórios alternativos em risco; e 3) Considerações finais: em busca de uma nova postura, além desta introdução.

Na primeira seção, realizamos uma discussão introdutória sobre a sociedade de consumidores como premissa para entender a sociedade contemporânea, tendo em vista que o processo de produção capitalista é constituído pela dominação da sociedade pelo mercado, que conta com o apoio político do Estado. Para isso, buscamos como aporte teórico os estudos de Baudrillard (1995), Santos (1998), Lipovetsky (2007), Bauman (2008), Silva, Santos e Araújo (2012), Carlos (2015), Zanirato e Rotondaro (2016) e Soares e Souza (2018).

Na segunda seção, por sua vez, contextualizamos a discussão sobre a sociedade de consumidores abordando os territórios dos grupos dominantes, indutores e produtores do consumo de massa, e seus rebatimentos nos territórios alternativos dos agricultores guardiões de sementes no semiárido alagoano. Tomou-se a espacialização de sementes geneticamente modificadas e de sementes crioulas como fonte para reflexão sobre os mecanismos de dominação em que pese a geopolítica dos alimentos em suas diferentes escalas. Para fomentar as discussões, estabelecemos um diálogo com Porto-Gonçalves (2013), Lima e Santos (2018) e Lima (2018).



Nas considerações finais, buscamos encadear reflexões sobre os descaminhos que conduzem a sociedade contemporânea, apontando o cuidado como alternativa para repensar a atividade humana na Terra. Encontramos em Boff (2004) a compreensão sobre a complexidade das relações de produção ao considerar, para além de indicadores de produção, a fluidez das relações sociais, a contínua busca pela felicidade e a degradação ambiental, sem que o cuidado, o cuidar de si e o cuidar solidário tenham deixado de existir, constituindo-se alternativas para pensar uma nova ética.

DO CONSUMO À LIQUIDEZ: PREMISSAS PARA PENSAR A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As reflexões teóricas sobre a sociedade têm levantado inúmeras questões de ordem organizacional, política, econômica, psicológica, ecológica, cultural, entre outras. Sem dúvidas, estamos diante de uma complexidade social e ambiental sem precedentes, que se metamorfoseia criando instabilidades diante de um *continuum* “desenvolvimento”. Observa-se que o crescimento da sociedade não explica e nem altera o desequilíbrio provocado pelo capitalismo, pois a estrutura social tem mantido a desigualdade e reproduzido o crescimento como estratégia para a manutenção do sistema (BAUDRILLARD, 1995). Esse fenômeno se evidencia em maior proporção quando nos deparamos com as realidades das grandes cidades e capitais, nas quais diferentes redes geográficas se integram, aumentando os fluxos de mercadorias e de pessoas, na medida em que seus habitantes se distanciam entre si e da natureza.

A sociedade tem vivido rápidas e intensas mudanças, e os modos de vida são reconfigurados pela força da globalização, que impõe normas e padrões culturais supervalorizados pelo capital (CARLOS, 2015). Observa-se, como uma das nuances dessa problemática, que as forças do capital têm provocado degradação ambiental e afetado culturas no campo e na cidade a partir de ações controladoras de grupos que, juntamente com o Estado, implantam seus projetos voltados, em sua essência, à acumulação de riqueza. O movimento balizado por grandes grupos empresariais e pelo Estado é marcado por contradições sem medida, que transformam o espaço de acordo com seus anseios (CARLOS, 2015; HARVEY, 2005).

Nesse contexto, Carlos (2015, p. 14) expõe que “[...] a reprodução social se realiza coordenada por fenômenos globais [...]”, concebendo-se, assim, que existem ações



concatenadas que regulam as sociedades, bem como as formas de ser e estar no mundo, de modo que se submetam aos ditames dos grupos dominantes. Já segundo Santos (1998, p. 18), “[...] quem produz, quem comanda, quem disciplina, quem normatiza, quem impõe uma racionalidade às redes é o mundo. Esse mundo é do mercado universal e dos governos mundiais [...]”. Aqui fica evidente o entrelaçamento das forças do Estado e do mercado na arrumação da cena e na trama de que o capital carece para se realizar.

Diante desse cenário, a humanidade fica alheia a essa ‘sinfonia impiedosa’ que comanda e disciplina a humanidade. Assim, podemos notar que essa sociedade é orquestrada pelas forças dominantes do capital e pela força do Estado, que criam novas normas sociais projetadas de acordo com modelos lucrativos de estilos de vida. O estilo de vida ideal para retroalimentar essa lógica é o fundamentado no consumismo, caracterizado pela compra em excesso, assim como pelo descarte, pelo desperdício e pela acumulação de bens.

Dessa forma, os modos de ser e viver diante dessa complexidade social e cultural contemporânea se reproduzem orientados pelo imperativo de práticas fundadas no consumo. Em face dessa estrutura, diferentes culturas e modos de vida rurais e tradicionais são tensionados a se padronizarem diante da compra de mercadorias globais.

[...] o modo de vida das populações tradicionais no mundo globalizado congrega na vida cotidiana as múltiplas formas e funções do consumo de mercadorias, informações e imagens. Há a tendência em homogeneizar as práticas, os usos, os anseios, os valores, os ritmos, os hábitos, os costumes e, conseqüentemente, os modos de vida da sociedade contemporânea. (RIGONATO, 2021, p. 33).

O imperativo fundado no consumo isola e não inclui aqueles que não são balizados/padronizados pelos parâmetros estabelecidos por essa trama e, portanto, não aceitam como válidos os modos de vida tradicionais, como podemos observar em comunidades rurais que se alimentam de outros horizontes de sentido para a manutenção das suas vidas em territórios alternativos de saberes e (re)existências.

De acordo com Bauman (2008), estratégias são criadas para encorajar e promover um estilo de vida voltado ao consumo que abdica e rejeita as culturas alternativas, criando propósitos de existência ancorados na cultura consumista. Assim, os grupos sociais rurais e tradicionais são tensionados e podem ser fragilizados diante da lógica da acumulação posta pelos mercados, que dão ênfase aos indivíduos consumidores e solitários.



É diante desse cenário que se reproduz a cultura consumista, projetada para o desenvolvimento do mercado e para o consumo, cujo acesso apresenta-se associado à abundância, mas também à satisfação e à felicidade dos consumidores. Lipovetsky (2007) contribui para o esclarecimento desse processo ao abordar desde a aurora da sociedade contemporânea até a demonstração da dissociação dos ritmos naturais da vida humana, na qual os indivíduos são submetidos ao tempo acelerado, balizado pela sociedade de consumidores.

O consumo é um fenômeno muito antigo que, ao longo da história, esteve ligado ao suprimento de matérias-primas – uma vez que moldava padrões de vida e relações inter-humanas –, configurando-se como uma atividade banal e rotineira, realizada de forma festiva e como comemoração. Caracterizou-se, portanto, como uma condição permanente e necessária para a sobrevivência humana (BAUMAN, 2008).

Tomando esses referenciais, o consumo apresenta-se como algo intrínseco ao humano e fundamental para a vida. Por outro lado, a sociedade contemporânea é marcada pelo consumismo, imperativo social que configura novas formas de ser e estar no mundo, criando estilos de vida diferentes dos de outrora; assim, as estruturas sociais foram alteradas e essa prática adquiriu centralidade na vida humana, tornando-se propósito de existência (BAUMAN, 2008). Essa nova concepção de vida tem modificado os sentidos de ser no mundo, instituindo uma sociedade altamente fragilizada e sustentada por tendências culturais ditadas pelo mercado e difundidas pela indústria cultural, a qual atinge todos os grupos e todas as classes sociais.

Para Lipovetsky (2007), essa sociedade alcançou taxas elevadas de equipamentos, e as empresas encorajaram a tecnologização e o pluriequipamento das famílias, provocando, dentre outros efeitos, o afrouxamento dos controles familiares; maior dependência dos jovens quanto aos objetos produzidos pelas indústrias; e maior governança de si, dando-lhes liberdade. Ou seja, o imperativo do consumo gerou um forte individualismo, esfacelando as relações presentes nas organizações sociais pré-industriais. Ademais, as mudanças ocorridas na estrutura social após a industrialização deram início ao processo de alteração de valores sociais e culturais, dando ênfase à acumulação de objetos e à felicidade como busca permanente que se realiza a partir da compra de objetos.

Foi por volta de 1955 que a natureza do consumo passou a ser remodelada, desta vez com maior intensidade, em maior escala e com foco no indivíduo (LIPOVETSKY,



2007). Na sociedade de consumidores, novos valores e significações materiais emergiram, diferenciando-se do passado, tratando-se de uma sociedade apegada aos objetos e apaixonada pelo que é novo, portanto, nessa cultura, introjeções psíquicas alteraram as condutas dos indivíduos (ZANIRATO; ROTONDARO, 2016).

Os novos costumes apoiados no universo do consumo vêm, por conseguinte, remodelando e reorientando a sociedade, criando um distanciamento do cuidado com os outros indivíduos e com a natureza. Destaca-se, nesse contexto, a liquidez nas relações sociais como reflexo dessa cultura, tanto na cidade quanto no campo, mas em maior evidência nas cidades.

Na atual conjuntura, é cada vez mais evidente a transformação da natureza em objetos que alimentam o imaginário humano, tornando-se elementos essenciais para a reprodução social. Nesse viés, tem-se desnudado um conjunto sistêmico de ações que disseminam e projetam sonhos, introjetam desejos, criam vontades e felicidades, alimentando um grandioso sistema de acumulação de riquezas e tornando a sociedade alheia à estrutura criada para a dominação.

A sociedade de consumo foi consolidada pela produção em larga escala e pela possibilidade de aquisição de produtos industriais por todas as classes sociais, fazendo do consumo um elemento que proporciona uma “felicidade sem fim” (ZANIRATO; ROTONDARO, 2016), e, para isso, foram criadas estratégias de venda para que os objetos produzidos parecessem fundamentais. Consequentemente, possuir um desses itens de desejo tornou-se razão de viver e norma social. Desse modo,

O consumo opera mediante uma estratégia que consiste em primeiro lugar em criar uma necessidade e, em seguida, oferecer um produto que seja capaz de resolvê-la e, em continuidade, voltar a criar uma necessidade e repetir o processo novamente. Os indivíduos inseridos nessa lógica, com a vida voltada para o consumo, acabam por acelerar esse processo à medida que apresentam a constante preocupação de “estarem e permanecer à frente” da tendência de estilo, ou seja, de pertencerem ao grupo de referência dos “pares”, dos “outros que contam”, daqueles que através da aprovação ou da rejeição traçam a tênue linha entre sucesso e fracasso [...]. (ZANIRATO; ROTONDARO, 2016, p. 81).

Desta feita, a sociedade de consumo atua criando mecanismos ilusórios entre necessidade e felicidade, provocando efeitos adversos na condução da vida. O consumo como elemento vital exerce controle absoluto sobre os corpos humanos, pois se trabalha



para consumir, e se consome para ser feliz. A felicidade não mais é encontrada em atitudes permanentes de troca de afetividade no bojo familiar ou em teias de amizades, nem no cuidado com o outro e com a terra; a felicidade torna-se, portanto, uma contradição em que os prazeres instantâneos criam e recriam novos padrões na busca contínua pela “felicidade”.

Para Bauman (2008), a sociedade de consumidores é caracterizada pela fluidez, por isso o autor a denomina de sociedade líquido-moderna. Essa atual fase da modernidade é marcada por rapidez, adaptação, desejos, imediatismo, individualismo, consumismo, liberdade e busca perpétua pela felicidade. Entretanto, essa fluidez desenraíza culturas, tradições e práticas existenciais fundadas no cuidado – distanciando a humanidade de sua própria natureza –, que tinha como aliado e medida o tempo lento das estações, o ir e vir das águas e a migração dos pássaros.

Conforme o autor, na sociedade líquido-moderna, a dependência de compras alcança todas as idades, as classes sociais, as periferias mais longínquas e empobrecidas. A ideologia do consumo surge na infância, com o discurso de que todos precisam ser consumidores por vocação, introjetando o imperativo de que todos precisam ser, devem ser e tem de ser consumidores.

O marketing tem um papel fundamental nesse processo disseminador de sonhos e de desejos na sociedade, pois a cada dia novos produtos são lançados no mercado, criando novas necessidades e alternativas de felicidade (BAUMAN, 2008). Concordamos com o autor, na medida em que entendemos que os discursos construídos pelo marketing e pela mídia ludibriam a sociedade, criando a ilusão de que a felicidade só pode ser encontrada com a compra de determinados objetos.

Com relação à influência da mídia sobre a sociedade e suas implicações na existência humana, Soares e Souza (2018, p. 309) esclarecem que:

Esta relação entre mídia e difusão de estilos de vida é particularmente enfática na questão do consumismo, que provoca a todos a seguirem os mesmos hábitos, comprarem as mesmas roupas, os mesmos alimentos, realizarem as mesmas diversões. Este modo de viver intensifica a massificação e favorece a perda da identidade, pois o indivíduo, ao ver que várias pessoas seguem determinado comportamento, decide também segui-lo.

As grandes marcas nacionais e internacionais produzem grandes mitos sobre a felicidade, que, na euforia social, são rapidamente entendidos como necessidade vital.



Esse movimento conduz a sociedade a comprar produtos, e só com a aquisição desses objetos os consumidores sentem-se realizados, satisfeitos e felizes.

Silva, Santos e Araújo (2012) nos mostram que a lógica que se instala tem como centralidade a acumulação capitalista, que se utiliza da publicidade e das estratégias de marketing para exercer a persuasão sobre a população, criando um mundo perfeito em que todos podem ser consumidores. Nessa perspectiva, Bauman (2008, p. 79) problematiza a realidade social, apontando que fazer parte desse processo não é tarefa fácil. Para o estudioso,

Ser membro da sociedade de consumidores é uma tarefa assustadora, um esforço interminável e difícil. O medo de não conseguir conformar-se foi posto de lado pelo medo da inadequação, mas nem por isso se tornou menos apavorante. Os mercados de consumo são ávidos por tirar vantagem desse medo, e as empresas que produzem bens de consumo competem pelo status de guia e auxiliar mais confiável no esforço interminável de seus clientes para enfrentar esse desafio [...].

Nota-se a dificuldade em se enquadrar nessa sociedade. Como salienta o autor, fazer parte dessa sociedade é uma tarefa assustadora, pois é preciso adaptar-se aos padrões de consumo para ser adequado. Para sermos aceitos, faz-se necessário estar em total acordo com as exigências mercadológicas, uma vez que, se não estamos de acordo com conjecturas fundantes do mercado, somos vistos como inadequados, e ninguém quer ser inadequado na sociedade líquido-moderna.

Na sociedade de consumidores, é preciso atender as exigências dos mercados para não ser inadequado, deficiente e de baixo padrão, e, se os apelos ao consumo não forem atendidos, os sujeitos sofrem exclusão e são entendidos como consumidores falhos (BAUMAN, 2008). O autor destaca, ainda, que as fortes e duras ações de dominação social que acometem a sociedade são tramadas pelo mercado, que tem como grande apoiador político o Estado, e ambos estimulam a cultura consumista.

Diante desse jogo, as sociedades são recrutadas e submetidas às normas para se tornarem apropriadas à sociedade de consumidores. Por serem treinados desde criança, os membros da sociedade de consumidores servem ao sistema, sem perceber que a cultura a que estão submetidos faz parte de uma teia, que captura e aliena aqueles que respondem aos estímulos do mercado e exclui socialmente os que não caem em sua armadilha.



Na sociedade de consumidores, o consumo tornou-se um atributo, uma característica e uma ação humana que reforça e estabelece parâmetros de vida e manipula condutas individuais pelo acúmulo de objetos, que outorgam respeito aos seus donos, dando-lhes prazer imediato e mantendo a intensa busca por mercadorias como forma de atingir a felicidade e a satisfação individual (BAUMAN, 2008). Baudrillard (1995) entende que, na sociedade de consumo, os indivíduos servem ao sistema pelo consumo de seus produtos, e, nesse processo, o próprio sistema de produção cria o consumidor individual, pois essa forma é um grande instrumento de dominação social.

A individualidade exige um novo estilo de vida, e, nessa perspectiva, os indivíduos estão cada vez mais concentrados na compra de objetos, veículos e imóveis para serem consumidos de forma individual, assim como pedem comida, trabalham e passeiam. A individualidade é uma marca da sociedade de consumo, como bem esclarecem Bauman (2008) e Baudrillard (1995).

Na sociedade de consumidores, os objetos são descartados na mesma velocidade em que são adquiridos, pois a liquidez nas relações (sociais e/ou materiais) não permite o apego, assim sempre existirá uma nova oportunidade de felicidade quando os sujeitos estiverem diante de novas versões deles. Os objetos adquiridos e consumidos perdem seu valor e deixam de proporcionar a satisfação (BAUMAN, 2008), e o surgimento de novos objetos cria novas ilusões e novas oportunidades de felicidade, isso implica que novas versões sejam adquiridas e que as mais antigas sejam descartadas.

Como salienta Bauman (2008, p. 50, grifos do autor), “[...] é verdade que na vida ‘agorista’ dos cidadãos da era consumista o motivo da pressa é, em parte, o impulso de *adquirir e juntar*. Mas o motivo mais premente que torna a pressa de fato imperativa é a necessidade de *descartar e substituir* [...]”. O movimento do mercado e suas exigências criam um sujeito totalmente desapegado dos produtos comprados com seu trabalho; a onda do consumo força a sociedade a viver essa dinâmica intensa de sonho, realização/compra, nova aquisição, descarte e nova angústia, porque, com a compra da última versão de um produto, uma nova mercadoria é lançada pelo mercado, criando novas oportunidades de felicidade.

O grande volume de objetos criados e vendidos causa grande deterioração ambiental, social e cultural. Mesmo assim, as grandes economias globais não têm a pretensão de diminuir a produção de mercadorias, nem de criar uma nova consciência social e ambiental voltada ao cuidado com a Terra e com a sociedade. Estamos diante de



um grande colapso em que os grupos dominantes desenharam as normas e os mecanismos geradores de felicidade, portanto de controle social. Para Bauman (2008, p. 53, grifos do autor),

Para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões e vícios, assim como oferecer novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana, a economia consumista tem de se basear no *excesso* e no *desperdício*. A possibilidade de conter e assimilar a massa de inovações que se expande de modo incessante está ficando cada vez mais reduzida – talvez até nebulosa. Isso porque, para manter em curso a economia consumista, o ritmo de aumento do já enorme volume de novidades tende a ultrapassar qualquer meta estabelecida de acordo com a demanda já registrada.

Percebe-se que o excesso de mercadorias produzidas e consumidas tende a ser mais elevado a cada dia, o que está levando a sociedade a uma grave crise ambiental. O ritmo de consumo produz um elevado volume de lixo sem precedentes na história da humanidade. As novidades criadas pelo mercado seduzem a sociedade, assim a cultura consumista é cooptada pelo engano de que bom é aquilo posto pela indústria, padronizado e até personalizado para nutrir o imaginário inebriante do sujeito consumidor.

Estamos diante de uma lógica muito bem estruturada que se estabeleceu sobre o consumo, criando normas sociais que foram introjetadas nos indivíduos pelas ilusões dos discursos do marketing. É evidente que estamos diante das reações da natureza, e esse cenário é obra da conduta consumista, sendo imperativo o olhar para dentro de nós no que tange aos impactos culturais e ambientais gerados, de forma a impulsionar um olhar para o futuro.

Para Zanirato e Rotondaro (2016, p. 82), “pensar nas gerações que ainda virão, em suas necessidades, significa olhar para o futuro, sabendo que as nossas escolhas hoje comprometem a oferta de escolhas que as novas gerações poderão fazer [...]”. Evidencia-se, com isso, que os desígnios da sociedade de consumidores podem comprometer as sociedades futuras se uma nova visão de mundo não for incorporada.

Considerando as implicações já apontadas, encadeamos na própria seção o cenário do semiárido alagoano como chão empírico desta discussão. Nossas reflexões tomam a realidade social contemporânea e aproximam essa leitura conjuntural das particulares das comunidades e dos povos tradicionais, como é o caso dos agricultores guardiões de



sementes crioulas, que resistem pelo cuidado em seus territórios alternativos de saberes e (re)existências.

O SEMIÁRIDO ALAGOANO PELA SOCIEDADE DE CONSUMO: TERRITÓRIOS ALTERNATIVOS EM RISCO

Como visto, a sociedade de consumo tem mudado a forma de condução da vida humana, diluindo saberes, culturas e sentidos de existência alternativos. Calcada no consumismo, ela mobiliza a circulação de capitais e a geração de lucro e provoca a degradação ambiental, pois o consumo exacerbado gera toneladas de lixo, além de problemas aos ecossistemas naturais, à biodiversidade e às reservas de água (SOARES; SOUZA, 2018).

Sobre esse aspecto, Silva, Santos e Araújo (2012) argumentam que a expansão do consumismo tem levantado inquietações crescentes, colocando a humanidade diante das problemáticas que inviabilizam a reprodução da vida no planeta. Para essas autoras, a larga produção de mercadorias gera sérios danos aos ecossistemas, o que provoca escassez dos recursos não renováveis, desequilíbrio na dinâmica climática planetária, além dos sérios efeitos dos dejetos industriais e de poluentes, responsáveis pela destrutividade ambiental.

Diante dessa trama perversa, a forma como os alimentos são produzidos e consumidos também segue as orientações do mercado e do consumismo. A forma de condução da sociedade pode incapacitar o planeta de produzir e fornecer os insumos naturais necessários aos seres humanos (SILVA; SANTOS; ARAÚJO, 2012), principalmente no que concerne à variabilidade de alimentos, pois, na atualidade, a produção em larga escala padroniza a alimentação, inserindo essa prática natural na lógica do consumismo. Como efeito da industrialização e da padronização alimentar, têm-se o êxodo rural e a extinção de comunidades rurais e tradicionais, principalmente pelo controle de terras e recursos naturais pela monocultura e pela produção em larga escala.

Ao longo da história, povos tradicionais e de antigas sociedades protegeram, cuidaram e domesticaram uma rica agrobiodiversidade. No entanto, na atualidade, com a produção alimentar em massa e o controle dos territórios pelo capital, comunidades tradicionais de todo mundo têm sido impactadas e até mesmo extintas, levando consigo



saberes ancestrais valiosos, ligados à biodiversidade pela preservação das espécies e pelo cuidado com a terra.

A produção em larga escala tem redesenhado as relações alimentares, criando novos padrões para o consumo de alimentos, que passam a ser produzidos e consumidos cada vez mais rapidamente, ao tempo em que são menos nutritivos e mais artificiais e, além disso, são produzidos às custas de intensa degradação ambiental. Nos territórios alternativos dos agricultores guardiões de sementes crioulas, outros horizontes de sentido são postos em marcha. Sabe-se da importância da agrobiodiversidade para vida, da importância das variedades crioulas para a autonomia do agricultor e do respeito à terra em que se gera a vida.

Nesse âmbito, trazemos a reflexão sobre os territórios alternativos por sua contraposição aos territórios hegemônicos dos latifúndios e da monocultura, produzidos às custas da intensa degradação ambiental. É nesse contexto que situamos os territórios dos agricultores guardiões de sementes crioulas como alternativos, tal como anunciado por Haesbaert (2015) ao explicar que eles constituem uma crítica à luz da construção de espaços que sejam mais igualitários, mais diversos e que possam ser mais democráticos.

[...] Ao lado de uma geopolítica global das grandes corporações brotam “micropolíticas” capazes de forjar resistências menores – mas não menos relevantes –, em que territórios alternativos tentam impor sua própria ordem, ainda minoritária e anárquica, é verdade, mas talvez por isso mesmo embrião de uma nova forma de ordenação territorial que começa a ser gestada. (HAESBAERT, 2015, p. 14-15).

Segundo Porto-Gonçalves (2013), como forma de garantir a demanda crescente por recursos naturais, os territórios são controlados, separando de forma radical homens e mulheres da natureza. Para o autor, a sociedade capitalista sempre estará sob relações de dominação/exploração que definem o destino dos recursos naturais, assim o poder que o capitalismo exerce domina povos, culturas e a natureza, essa última sob forte intervenção da ciência e da tecnologia.

Diante desse quadro, táticas são postas em marcha pelo capitalismo tendo em vista o controle de territórios estratégicos para o seu exercício, e “[...] três são os recursos naturais estratégicos, a saber: a energia, em suas diversas fontes; a diversidade biológica e a água” (PORTO-GONÇALVES, 2013, p. 296). Esses recursos naturais estão na gênese das disputas geopolíticas internacionais, haja vista que grandes corporações estão aliadas



ao Estado para o controle de territórios estratégicos, ricos em diversidade biológica, fontes de energia e água, tensionando sociedades inteiras a deixarem seus territórios e regiões³.

O controle sobre esses elementos permite ao capitalismo realizar seus projetos de “desenvolvimento”. À medida que os recursos e territórios são controlados, o sistema dominante impõe normas e regras para o desenrolar da vida nesses territórios, obrigando sociedades inteiras a servirem ao sistema ou abandonarem o território dominado. Diante disso, podem ocorrer tensão e resistência, pois muitos povos decidem enfrentar a ordem estabelecida:

[...] assim, para além dos protagonistas que procuram se afirmar reproduzindo o histórico padrão de poder do sistema-mundo moderno-colonial há outros sujeitos/grupos/classes sociais/povos/etnias que se forjam por meio de *r-existência* para afirmar outras relações outros valores. (PORTO-GONÇALVES, 2013, p. 306, grifo do autor).

Mesmo diante das tensões provocadas pelos grandes mercados produtores, que exercem sobre os territórios seu poder e estratégias de poder, grupos culturais resistem por todo o mundo, criando mecanismos para garantir a sua reprodução social conforme seus valores e o ritmo da natureza, o que os diferencia das sociedades consumidoras originadas no seio do capitalismo.

Diante desse cenário, faz-se necessário problematizar a presença de megacorporações empresariais do ramo agroquímico no semiárido alagoano, que, a partir de diversos mecanismos, adentram comunidades rurais e tradicionais com o discurso da produtividade e da tecnologia, como é o caso das sementes híbridas e transgênicas, difundidas pelo Estado por meio de políticas públicas ou comercializadas em estabelecimentos agropecuários da região (LIMA, 2018; LIMA et al., 2019). As investidas sistemáticas dos grupos poderosos das megacorporações do ramo agroquímico acontecem pela ação “[...] em escala global para expandir a compra de suas sementes em detrimento das sementes crioulas [...]” (LIMA, 2018, p. 8).

Nos últimos anos, no semiárido alagoano, a comercialização de sementes transgênicas e híbridas em estabelecimentos agropecuários tem sido cada vez mais visível (LIMA; SANTOS, 2018). O fácil acesso a essas sementes pode levar à sua penetração em

³ Para maior aprofundamento, ver Porto-Gonçalves (2013), Lima (2018) e Lima et al. (2019).



territórios tradicionais e rurais guardiões de culturas, saberes e modos de vida voltados para a preservação de organismos vivos, como as sementes crioulas. A expansão das sementes produzidas pelo agronegócio configura uma ação concatenada para o controle do território pelo capital.

São exemplos de sementes transgênicas e híbridas aquelas que foram produzidas pelo entrelaçamento científico e tecnológico, que altera geneticamente as sementes no contexto da agricultura moderna (BENVEGNÚ, 2017). Por sua vez, as sementes crioulas são oriundas da preservação e da domesticação ao longo do tempo pelas culturas humanas, preservando os traços genéticos tradicionais daquelas, adaptadas e resistentes ao ambiente (BEVILAQUA et al., 2014), portanto não passaram pelo manejo tecnológico e científico em sua construção genética (STADLER, 2019).

As ações do mercado e do Estado têm levado à perda da agrobiodiversidade no campo, visto que as sementes crioulas são contaminadas geneticamente pelas sementes transgênicas e híbridas, o que implica perda dos traços genéticos tradicionais das sementes crioulas. Com a perda de uma variedade genética, os ecossistemas passam por danos irreversíveis, mesmo nas pequenas escalas, e essa escalada provoca a erosão genética da biodiversidade, em especial no semiárido de Alagoas. Quando as sementes crioulas são perdidas (por contaminação genética ou problemas climáticos), junto a elas cessam algumas práticas culturais e saberes construídos em seu entorno.

Desse modo, no semiárido de Alagoas, as comunidades rurais e tradicionais que preservam esse tipo de sementes correm o risco de ter sua agrobiodiversidade, que já está adaptada à região, contaminada por sementes híbridas e transgênicas. Consequentemente, tal ação vem impactando negativamente as comunidades rurais e tradicionais, que resistem, lutam e se organizam socialmente no entorno da preservação da agrobiodiversidade.

O avanço das sementes híbridas e transgênicas e seu plantio nas proximidades das plantações tradicionais de base crioula são uma ameaça às cultivares genéticas adaptadas, pois podem alterar a estrutura genética das plantações de base crioula, afetando diretamente a produção de alimentos nas comunidades tradicionais. Essa escalada desenha e pode gerar novos conflitos, desta vez entre produtores tradicionais e monocultores, que contam com uma produção híbrida e/ou transgênica alimentada pelo ramo agroquímico.



Para Lima (2018), com o advento da mundialização do capital, em meados das décadas de 1960/70, grandes corporações internacionais no ramo agroquímico foram gestadas para atuar em escala global, objetivando o controle dos organismos vivos, como as sementes. Uma das justificativas para a disseminação das sementes híbridas e transgênicas é que estas possuem maior capacidade produtiva e resistência biológica, portanto são altamente produtivas e capazes de atender as sociedades dos consumidores.

Entre as estratégias geopolíticas adotadas pelas megacorporações e pelos monocultores industriais, destaca-se a inserção das sementes geneticamente modificadas em países de rica biodiversidade, tornando-os grandes importadores de sementes construídas em laboratório, o que acarreta dano à agrobiodiversidade e à autonomia dos territórios, dependência das megacorporações globais produtoras de sementes e impactos na (re)produção social da vida (LIMA, 2018). Tais estratégias têm causado danos irreversíveis à agrobiodiversidade e desterritorializado comunidades rurais e tradicionais.

Ainda de acordo com Lima (2018), tem sido crescente a utilização de sementes híbridas e transgênicas em todo o mundo, mostrando que as megacorporações estão espacializadas nos mais diversos lugares e buscam exercer seu poder sobre a agricultura mundial. Tal estratégia visa ao controle da produção alimentícia, tornando essa atividade extremamente mercadológica e lucrativa, assim como são os outros ramos do mercado produtor.

De acordo com Lima e Santos (2018), as sementes crioulas no/do semiárido alagoano lidam com os solos da região e são adaptadas a eles, assim como à escassez de chuvas, às elevadas taxas de evapotranspiração e ao ecossistema do semiárido, ou seja, são sementes resistentes às características edafoclimáticas da região. Nesse âmbito, “[...] não despropositadamente [as sementes crioulas] são chamadas em Alagoas de sementes da resistência” (LIMA; SANTOS, 2018, p. 213).

Em nossa pesquisa, identificamos muitas comunidades rurais e tradicionais que possuem bancos de sementes crioulas e agricultores guardiões e, além disso, percebemos diversos sujeitos que não estão vinculados aos bancos comunitários de sementes crioulas e, mesmo assim, resistem e lutam pela salvaguarda de sementes em diversos lugares.

De acordo com Santos (2020) e uma pesquisa realizada junto à Cooperativa dos Bancos Comunitários de Sementes (COPPABACS, 2020), 54 comunidades de 20 municípios do semiárido alagoano fazem parte da Rede Estadual de Sementes da Resistência de Alagoas. Nessa complexa rede em defesa das sementes crioulas, são



encontradas práticas sustentáveis, sobretudo associadas à produção de sementes, tendo em vista a geração de grãos para alimentação da família, comercialização e trocas, como feijão, milho, melancia, melão, fava, entre outras cultivares. Essas sementes são adaptadas e convivem com a seca, portanto são resistentes às condições ambientais locais, diferentemente das sementes melhoradas ou transgênicas, voltadas ao mercado.

Preservar a agrobiodiversidade em territórios rurais e tradicionais tem sido uma prática de resistência, um ‘estandarte’ levantado por organizações sociais em todo o país, como também no semiárido alagoano, objetivando a garantia da soberania alimentar e a autonomia e a preservação da diversidade das sementes crioulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM BUSCA DE UMA NOVA POSTURA

Frente a esse complexo quadro social, econômico e cultural que revela uma sociedade altamente destruidora dos recursos naturais em virtude da busca incessante por produtos para o consumo, ainda subsistem comunidades ‘resistentes’ ao modo de produção e de dominação arquitetado pelo mercado e pelo Estado. O modo de produção capitalista tem induzido a humanidade a fazer parte da sociedade de consumidores a partir de discursos fantasiosos de que a felicidade só é possível a partir do consumo, e o pior de tudo é que esse mecanismo tem logrado êxito.

Como um dos mecanismos de dominação dos territórios, evidenciamos a espacialização das sementes híbridas e transgênicas no campo. Essa frente de atuação do mercado tem causado sérios danos à agrobiodiversidade. As sementes crioulas, ao longo da história, vêm sendo protegidas e cuidadas por gerações, adaptando-se aos ambientes e alimentando civilizações, por isso se tornaram um patrimônio para os agricultores guardiões que resistem em mantê-las. Todavia, mantêm-se, em contrapartida, os riscos de extinção devido aos avanços dos transgênicos, do agronegócio e do mercado.

Como alternativa ao modelo social orientado pelo mercado, que é caracterizado pela produção e dominação, sinalizamos o cuidado como alternativa à atual forma de ser e estar no mundo, baseada no descuido com a Terra e com a humanidade, sendo o ápice a sociedade de consumidores. Boff (2004) entende que a vida humana é sustentada pelo cuidado com os outros e com a natureza; para esse estudioso, o cuidado é a essência humana, que precisa ser recuperada para superar a crise civilizacional contemporânea.



Estamos diante de uma sociedade que está em intensa transformação, tornando-se a cada dia mais imediatista, individualista, fluida, desenraizada e consumista, tendo como fruto o descuido, o descaso e o abandono, pondo em evidência a crise civilizacional que se expressa nos mais diversos lugares e sociedades, portanto é preciso reformular o modo de ser humano nessa sociedade (BOFF, 2004).

Ainda para o autor, a sociedade contemporânea ameaça o cuidado, devorando-o. Nesse sentido, a condução da sociedade pelo mercado tem provocado sérios e negativos efeitos, a exemplo de consumo exacerbado e degradação ambiental, afetado culturas e provocado enclausuramento no mundo virtual, além de angústia, sofrimento e ansiedade. Como percebemos, a sociedade de consumidores tem trilhado um caminho tênue e contrário ao cuidado, e esse movimento tem sido balizado pelo mercado e pelo Estado, que têm acumulado riqueza a partir da cultura do consumo.

Contudo, temos nos agricultores guardiões de sementes crioulas do semiárido de Alagoas um exemplo de resistência, (re)existência e persistência, na medida em que, mesmo diante das forças estruturais, se mantêm em seus territórios, cuidando, guardando e protegendo as sementes crioulas como verdadeiros tesouros. Os agricultores guardiões de sementes crioulas, mesmo com seus territórios, sementes e modos de vida em risco, perseveram diante das adversidades pela salvaguarda das sementes e da agrobiodiversidade ao longo de gerações.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENVEGNÚ, Vinícius Cosmos. **As sementes do lugar: políticas locais e desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul meridional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/168626>. Acesso em: 3 mar. 2020.

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; ANTUNES, Irajá Ferreira; BARBIERI, Rosa Lia; SCHWENGBER, José Ernani; SILVA, Sergio Delmar Anjos e; LEITE, Daniela Lopes; CARDOSO, Joel Henrique. **Agricultores Guardiões de Sementes e Ampliação da Agrobiodiversidade**. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, n. 1, jan./abr. 2014. Disponível em:



<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/19445/12516>. Acesso em: 25 mar. 2020.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 3. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005.

LIMA, Lucas Gama. Capital mundializado e a geopolítica dos alimentos: uma análise das contradições da oferta de sementes. XIX Encontro Nacional de Geógrafos, 2018, João Pessoa-PB. In: **Anais...** João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba/Campus I, 2018.

LIMA, Lucas Gama; MIRANDA, Anderson Ribeiro; LIMA, Érica Franciele da Silva; SANTOS, José Rodolfo da Silva; NASCIMENTO, Jefferson Araújo. Agrotóxicos no Semiárido de Alagoas: agricultura químico-dependente e suas contradições. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema/AL, v. 4, n. 3, p. 829-847, set./dez. 2019.

LIMA, Lucas Gama; SANTOS, Flávio dos. No Semiárido de Alagoas, a resistência germina na terra: a luta territorial em defesa das sementes crioulas. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 21, n. 41, p. 192-217, jan./mar. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RIGONATO, Valney Dias. O modo de vida na ciência geográfica: o(s) modo(s) de vida dos(as) geraizeiros(as) no(s) cerrado(s) baiano(s). In: RIGONATO, Valney Dias; ALMEIDA, Maria Geralda de; SILVA, Mary Anne Vieira; BRITO, Eliseu Pereira de (Orgs.). **Territórios, identidades e alteridades**. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 17-48.

SANTOS, Flávio dos. **Resistência para um modo de existência**: luta camponesa em defesa das sementes crioulas no semiárido alagoano. 177 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 2020.

SANTOS, Milton. O retorno ao território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 15-20.



SILVA, Maria das Graças e; SANTOS, Josiane Soares; ARAÚJO, Nailsa Maria Souza. “Consumo consciente”: o ecocapitalismo como ideologia. **R. Katál**, v. 15, n. 1, p. 95-111, jan./jun. 2012.

SOARES, Josemar Sidinei; SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de. Sociedade de consumo e o consumismo: implicações existenciais na dimensão da sustentabilidade. **Direito e Desenvolvimento**, v. 9, n. 2, p. 303-318, ago./dez. 2018.

STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. “Sementes crioulas” – saberes e práticas sociais em comunidades tradicionais caiçaras, quilombolas e faxinalenses no Estado do Paraná. Encontro Regional Sul de História Oral, 10, 2019, Curitiba. In: **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019. p. 01-09. Disponível em: https://www.sul2019.historiaoral.org.br/resources/anais/12/abhosul2019/1571250044_A RQUIVO_7c9aa2e91ecc7fb24054a295a50f0fe5.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

ZANIRATO, Sílvia Helena; ROTONDARO, Tatiana. Consumo, um dos dilemas da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, p. 77-92, 2016.